

FÁBULA COMO ALTERNATIVA METODOLÓGICA: INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO CRÍTICO E SENSO MORAL DO INDIVÍDUO

Luana Maria Martins¹

RESUMO

A Fábula é um gênero bastante atrativo, apresentando características que transmitem lições de moral, influenciando tanto adultos quanto crianças, despertando curiosidade e atizando a imaginação. Desse modo, questiona-se: Qual a contribuição da fábula na formação do pensamento crítico e senso moral do indivíduo? A motivação para pesquisar o tema surgiu da necessidade de oferecer uma educação como prática humanizadora, e não limitar-se somente a transmissão de conhecimentos. O estudo objetivou analisar a importância das fábulas como recurso didático que contribui para a formação do pensamento crítico e senso moral nos indivíduos (leitor). Trata-se de um estudo bibliográfico, como pesquisa qualitativa e descritiva. A relevância de um estudo desse gênero reside na possibilidade de sintetizar o debate em torno dos valores morais e formação do pensamento crítico do leitor, visto que a partir de uma boa leitura o indivíduo se torna capaz de compreender o mundo a sua volta e adquirir consciência sobre seus próprios atos, além de se tornar uma contribuição para futuros estudos. Entre os achados, compreende-se que o uso das fábulas como estratégia metodológica de ensino ajuda a formar cidadãos críticos, e que a formação de uma sociedade melhor e mais justa, decorre de um comprometimento conjunto entre família (o primeiro ambiente com o qual o indivíduo tem contato), professores (conscientes de seu papel como educadores e formadores de opinião), gestores (visando fornecer um ambiente aberto e de fácil acesso aos pais) bem como a própria comunidade, que pode e deve, em determinadas situações, contribuir com sugestões significativas.

Palavras-chave: Fábulas. Valores Morais. Pensamento Crítico. Leitura. Literatura.

INTRODUÇÃO

A Fábula é um gênero bastante atrativo, e por apresentar características que transmitem lições de moral, acabam por influenciar tanto adultos quanto crianças, despertando curiosidade e atizando a imaginação. Inicialmente a fábula foi apresentada na tradição oral, pois eram contadas pelos mais velhos às crianças, na intenção de torná-las sábias dos valores morais através de uma história lúdica e curiosa.

Pensando nisso, este estudo partiu do seguinte questionamento: Qual a contribuição da fábula na formação do pensamento crítico e senso moral do indivíduo? Inicialmente a motivação para pesquisar o referido tema surgiu da necessidade de oferecer uma educação como prática humanizadora, e não limitar-se somente a transmissão de conhecimentos.

Considerando que a fábula é um gênero textual que provoca discussões e reflexões, cabe ao docente, no ambiente escolar, criar meios para desenvolver no discente o gosto pela

¹ Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Dom Alberto. Graduada em Licenciatura Plena em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: luana.martins@hotmail.com

leitura. A importância que se tem de trabalhar o gênero fábula como método de ensino e aprendizagem é resgatar valores morais e estimular o pensamento crítico através de uma forma prazerosa, conseqüentemente, levando ao leitor a ter um contato direto com o livro, criando ele mesmo seu espaço/tempo para ler.

Diante do exposto, o estudo objetivou analisar a importância das fábulas como recurso didático que contribui para a formação do pensamento crítico e senso moral nos indivíduos (leitor). Para alcance deste, foram estabelecidos como objetivos específicos: Conhecer o gênero Fábula e suas características; Apresentar uma síntese sobre alguns fabulistas e analisar o uso das fábulas como propósito didático e seu valor pedagógico na formação do pensamento crítico e senso moral do leitor.

Pressupõe-se que a importância de um trabalho desse gênero reside na possibilidade de sintetizar o debate em torno dos valores morais e formação do pensamento crítico do leitor, visto que a partir de uma boa leitura o indivíduo se torna capaz de compreender o mundo a sua volta e adquirir consciência sobre seus próprios atos e ações no meio em que vive, além de se tornar uma contribuição para futuros pesquisadores sobre o tema proposto.

1 METODOLOGIA

A metodologia abordada se baseia em trabalho bibliográfico, como pesquisa qualitativa e descritiva. O estudo bibliográfico é definido por Prodanov (2013) como um estudo elaborado a partir de material já publicado, sendo este constituído principalmente de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações, teses, entre outros com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O gênero textual Fábula

As fábulas são histórias voltadas para o público infantil. A Literatura Infantil, como área de estudo e reflexão, teve seu início em meados do século XVII, e surgiu com a finalidade de educar, instruir e distrair.



Quando surgiram as histórias, eram contadas oralmente pelas mães a seus filhos. Assim, a cultura, os costumes e o dia-a-dia adentravam na vida da criança desde seus primeiros anos de vida. Era a forma de a criança começar a compreender o mundo a sua volta.

De acordo com Abramovich (1991, p. 17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar.

Ouvir e ler histórias permite ao leitor sua entrega ao momento para viver as emoções contidas nas histórias. Promove uma interação entre o leitor e o livro, o contador de histórias e o ouvinte. A linguagem verbal possibilita ao homem interagir com o mundo ao seu redor, desde o momento em que é aprendida. É uma forma de torná-las cidadãos pensantes, criativos, bons leitores e formadores de opinião. É uma busca e troca de conhecimento contínuo.

Segundo Paulo Freire (1996, p. 25), “o aluno, é o sujeito da ação de aprender”. Sendo assim, o texto é o sujeito da ação de contribuir para esse aprendizado. É preciso, no entanto, saber reconhecer os valores que este gênero é capaz de proporcionar dentro do ensino básico, por exemplo, e saber utilizá-la da maneira correta como prática didático-pedagógica.

A fábula tem seu surgimento no mundo ocidental no século VI a.C pelo então escravo grego Esopo. Este se tornou um fabulista muito conhecido, criando narrativas curtas, protagonizadas principalmente por animais, com o intuito de mostrar verdades e, assim, fazer críticas a pessoas e acontecimentos de seu tempo.

Depois de Esopo, outro fabulista famoso foi Fedro, escravo romano que viveu no século I d.C. No século XVII, surgiu o fabulista Francês La Fontaine; e no Brasil se destaca a participação de Monteiro Lobato e Millôr Fernandes.

Quando surgiram, as fábulas tinham dupla finalidade: a primeira está ligada à ética, visto que ela inclui uma reflexão sobre a formação do homem, trazendo uma moral, sobretudo ao final da narrativa. Já a segunda finalidade está ligada à estética, pois “há o desejo de alcançar o belo através da palavra escrita” (SERRA, 2001, p. 55). O fato de a fábula ser um produto espontâneo do ser humano constitui em si uma alegoria de instruir e divertir.

As fábulas são caracterizadas como narrativas em prosa ou verso, misturando animais e seres humanos para contar suas histórias. Num primeiro momento, a fábula é voltada para a criança, porém, é possível perceber as críticas aos valores da sociedade em seus textos.



A fábula é um desses tipos de história de que estamos falando e são contadas há mais ou menos 2.800 anos. Geralmente, elas apresentam uma cena, vivida por animais, plantas ou objetos que falam e agem como se fossem gente. Elas são contadas ou escritas para dar conselho, para alertar sobre algo que pode acontecer na vida real, para transmitir algum ensinamento, para fazer alguma crítica, uma ironia, etc. Por isso, muitas vezes, no finalzinho das fábulas, isto é, quando a história acaba, aparece uma frase destacada, que costumamos chamar de moral da história. A maioria dessas histórias trata de certas atitudes humanas, como a disputa, a ganância, a gratidão, o ser bondoso, o não ser tolo etc. Esses são alguns temas das fábulas. (FERNANDES, 2001, p. 17).

Ressalta-se a importância da fábula na formação de valores morais e do pensamento crítico do leitor, tem como característica histórias que retratam a realidade; promovendo ensinamentos significativos para a vida humana. O referido gênero textual é um excelente recurso didático na promoção de um ensino mais humanizado.

Como bem reitera Fernandes (2001, p. 17):

A fábula, como outros gêneros narrativos, registra as experiências e as formas de vida dos povos. Assim, as histórias são uma representação da realidade. Traz como marca importante, principalmente para os fabulistas Esopo e Fedro, a presença da moralidade, que poderá vir no começo ou final da história.

Por ser um texto curto, e possuir uma linguagem de fácil entendimento, a fábula chama a atenção tanto de crianças como de adultos. A mensagem presente neste gênero não poderá explicitar o que é certo fazer, o que é mau ou bom, o que é pior ou melhor, mas irá narrar situações onde esses valores serão apresentados de maneira lúdica e descontraída, para que o leitor busque sozinho o caminho correto, ou seja, forme por si só sua capacidade de discernir entre o certo e o errado.

Geralmente os personagens de uma fábula serão animais. Estes representam a realidade do homem nas suas diversas situações, retratando-os na sua forma crítica, irônica, o ser bom e ruim, o justo e o ambicioso, o generoso, e assim por diante. Dessa forma, as características presentes nas fábulas faz com que o leitor passe a desenvolver seu senso crítico, com uma leitura apropriada e carregada de recursos linguísticos.

Segundo Abramovich (1991, p. 143):

[...] ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...

A leitura de textos infantis dá à criança, neste caso, a abertura para ela se descobrir como um ser em formação, desenvolvendo sua visão crítica do mundo ao seu redor. É o

educador que fará com que as fábulas ensinem os alunos a lidar com suas emoções, trazendo para fora suas aflições, medos, tristezas e conceitos.

Além da típica moralidade, esse gênero apresenta uma estrutura relativamente fixa, contendo situação inicial, obstáculos, tentativa de solução, situação final e, por fim, a moral. Assim, a questão moral existente nas fábulas, serve para instruir o leitor na construção de valores e do seu pensamento crítico que está em constante formação. Portanto, as fábulas não estão restritas apenas ao público infantil, uma vez que o indivíduo está sempre aprendendo e se reinventando.

2.2 Fabulistas: de Esopo, La Fontaine a Monteiro Lobato

Tendo como ponto de partida o Oriente, África e Europa, as fábulas eram histórias contadas de pessoas para pessoas, construindo assim, uma tradição oral.

O primeiro fabulista de renome, Esopo, era um escravo que teria vivido na cidade de Samos, em meados do século VI a.C. Na verdade, não há confirmação de que esse fabulista tenha existido, pois não houve nenhum registro escrito. Suas histórias foram transmitidas através da oralidade.

Segundo Dezotti (2003, p. 29):

[...] os antigos falam de Esopo como *logopoiós*, isto é, um criador ou contador de histórias em prosa, e sempre o consideraram o pai da fábula. Devido à escassez de documentos autênticos, chegou-se mesmo a pensar que Esopo nunca teria existido e que não passaria de um nome fictício, inventado pelos gregos para dar conta das origens de uma obra anônima, popular, produto de uma época ou mesmo de várias.

Esopo nunca registrou suas histórias por escrito, mas as contava para o povo. Este, por sua vez, encarregou-se de repeti-las e difundí-las, e após aproximadamente duzentos anos de sua morte, elas foram reunidas e escritas em uma coletânea que levou o nome *As completas fábulas de Esopo*, composta por 358 fábulas, conhecidas mundialmente.

Entre as mais conhecidas estão: “A tartaruga e a lebre”, “O lobo e a garça”, “A raposa e as uvas”, entre outras. Suas fábulas atravessaram épocas. São textos curtos e concisos, com uma linguagem requintada, voltada para os adultos, já que Esopo não tinha nenhuma intenção de direcionar suas histórias para o público infantil.

Fedro, assim como seu antecessor, não fundamentou sua escrita na preocupação com as crianças. Viveu no século I d.C. e recriou as fábulas de Esopo, adaptando-as para a realidade da sua época. Seus versos são pessimistas e normalmente os temas são sérios ou

satíricos, tratando das injustiças, dos males sociais e políticos, expressando atitudes dos fortes e oprimidos.

No século XVII, surge o fabulista Francês Jean La Fontaine (1621 – 1695), que retoma algumas fábulas antigas e cria as suas próprias versões. Nos seus versos, ao contrário de Esopo e Fedro, há um evidente comprometimento com o público infantil, uma vez que este escrevia para o filho de Luis XIV, a alteza Delfim, na época com seis anos de idade, com o intuito de acentuar conteúdos de sabedoria e virtudes.

Suas estórias, normalmente irônicas, retratavam a desigualdade social existente na sua época. Ironizava as atitudes e o abuso excessivo do poder do rei. Sua escrita é caracterizada por não se prender a nenhuma regra, sendo uma combinação ideal de ritmo, métrica, fantasia e rima, que amenizava de modo eficaz as fortes críticas contidas nas fábulas. Segundo Coelho, eram “textos cifrados” (COELHO, 2000, p. 82).

No Brasil vale destacar, entre outros, a participação de Monteiro Lobato e Millor Fernandes, na produção desse gênero. Monteiro Lobato é um forte seguidor de Esopo, Fedro e La Fontaine. Ele reescreve suas narrativas com valores humanos ligados aos problemas contemporâneos de um modo crítico, humorado e comentado. Entre elas estão “A cigarra e as formigas”, “A galinha dos ovos de ouro”, “O cão e o lobo”, além de criações próprias.

Sua obra teve início no século XX com o livro *Narizinho arrebitado* de 1921, que originou outras obras, dentre elas a mais famosa: *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Monteiro Lobato buscou apresentar o nacionalismo nos seus personagens, que representa o brasileiro na sua linguagem, cultura e convívio com a natureza.

Nos comentários dos personagens de o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, as fábulas são criticadas, revestindo-se de diferença e novidade, sendo, enfim, inventada uma nova forma de contar histórias.

Lobato deu cunho nacional às fábulas de Esopo, La Fontaine, ao lado de suas próprias criações, de acordo com o espírito de sua obra. Tornou-as graciosas, leves, humanizadas, eliminando o sistematismo árido e os requintes literários, clássicos e sofisticados (CARVALHO, 1971, p. 87).

Monteiro Lobato deu às suas criações uma particularidade em relação a seus antecessores, criando narrativas inovadoras e mais interessantes, onde seus personagens são espontâneos e carismáticos, e que por isso acabam por conquistar não só crianças, mas também os adultos, que se sentem encantados pela arte da leitura e da literatura. Suas obras ainda apresenta uma grande diversidade linguística, social e étnico-racial, sendo este último

alvo de muitos estudos na contemporaneidade sobre a representatividade do negro em suas obras.

É compreendido que cada fabulista possui sua característica própria nos seus textos, seja na linguagem ou uso de personagens, no entanto, é certo que a leitura de fábulas vai despertar o imaginário, o lúdico, o fantástico e a irreverência, que estão interligados e se mesclam tornando a literatura um importante recurso na formação de futuros adultos mais conscientes e formadores de boas opiniões.

2.3 A escola e a educação moral

O professor, juntamente com todo o corpo escolar, incentiva e ensina aquilo que valoriza e acha justo; ensina valores. “Através da educação, o ser individual, transforma-se em ser social. A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão ainda maduras para a vida social” (DURKHEIM, 1911, p. 14).

Todas as atividades que envolvem professores, como a escolha e sugestão de textos e livros, são formas indiretas de participação na introdução de valores ao ensino e sobre o estímulo do pensamento crítico. A educação para valores se realiza em todos os momentos e interações interpessoais na escola, e nas relações desta com a família e toda a sociedade.

Os valores morais e o pensamento crítico manifestam-se em circunstâncias e ambientes diversos, como por exemplo: reuniões, sala de aula, identificação de dificuldades no aprendizado, ao seio familiar e em situações diárias. Logo, ao analisar os procedimentos da educação moral e do senso crítico, percebemos que seu desenvolvimento ocorre em função das relações efetivas dos indivíduos entre si, estando, portanto, relacionada às atividades realizadas pelo leitor. Torna-se imprescindível, propor atividades (orais ou escritas) que despertem na discente o ato de descobrir valores.

Segundo Piaget (1996, p. 24):

Qualquer que seja o domínio em que se estenda a educação moral, o método ativo busca sempre: 1º - não impor pela autoridade aquilo que a criança possa descobrir por ela mesma; 2º - em conseqüência, criar um meio social especificamente infantil no qual a criança possa fazer as experiências desejadas.

Trabalhar a educação moral nas séries iniciais, por exemplo, não é uma tarefa fácil. Porém, é possível fazê-la de forma espontânea e prazerosa em qualquer modalidade de ensino. Essa prática educativa poderá levar o aluno a desenvolver seu senso crítico diante da sociedade, e dela participarem ativamente.



A “escola ativa” se baseia na ideia de que as matérias ensinadas não devem ser impostas de fora, mas devem ser redescobertas pelo aluno em um processo de investigação, por meio de atividades espontâneas.

A relação escola e família, criança e sociedade mudou com o passar dos tempos, principalmente devido ao fato da tecnologia ser mais frequente na vida de qualquer pessoas nos dias atuais. Há várias formas de ingressar o estudo de valores morais em sala de aula, neste caso a ferramenta metodológica destacada são as fábulas, por estas possuem grande valor moral e estimular o a formação do senso crítico do leitor, além de ser um gênero literário de fácil manuseio, despertando no indivíduo o prazer pela leitura. Dessa forma, a leitura se torna prática na formação do sujeito quando este passa a interagir com o texto proposto.

[...] como as crianças convivem com os adultos e aprendem com eles as condutas e os valores humanos, os livros de literatura para os pequenos são uma nítida expressão desses valores. Nesse sentido, o campo das artes pode colaborar para a construção de um pensar ético na infância, preparando a criança para enfrentar seus conflitos, suas dúvidas (PARREIRAS, 2009, p. 11).

A abordagem das fábulas na literatura, sua inserção e a apresentação para o leitor como instrumento de construção do senso moral e do pensamento crítico, mostra-se como um auxílio no desenvolvimento de uma percepção das questões sociais, auxiliando na formação de seu caráter e trazendo implicações éticas, visto que elas apresentam elementos instigantes para provocar reflexões e discussões significativas.

Diante disso, deposita-se nas fábulas a grande responsabilidade de formar o indivíduo para praticar o bem, educando-o com um olhar para o futuro, na busca por uma sociedade cada vez melhor e mais aperfeiçoada. Mas afinal, de quem é o papel de formar cidadãos críticos e mais conscientes do mundo a sua volta? Qual é o papel da família e da escola neste contexto?

É reconhecido que a base dos eixos fundamentais que orientam a vida e constitui a chave do comportamento humano, segundo Izquierdo Moreno (2001, p. 05), são os valores. É certo afirmar que é na família, independente de sua composição, que os indivíduos iniciam sua interação social com o mundo. Sendo a criança um ser em formação, cabe não só à família, mas o poder público, a escola, a vida em sociedade geral, ajudar nessa formação de cidadãos de bem. E essa formação deve ser contínua, pois em cada fase da vida é compreendido que existe uma alteração de valores e do pensamento crítico que está em constante formação.

É preciso refletir que em nossa sociedade existem duas instituições formalmente responsáveis pela educação do ser humano: a família e a escola, que têm um caráter diferenciado, mas têm funções e objetivos distintos, pois a educação informal começa a partir do momento em que o indivíduo nasce e convive em casa e na comunidade em geral. É preciso lembrar que é no espaço familiar que acontece os primeiros contatos de socialização, onde o indivíduo aprende atitudes que vai ajudá-lo a diferenciar o certo e o errado, de acordo com o lugar e situação em que estará inserida.

Além da convivência com a família, a criança passa a interagir com outros ambientes e instituições, principalmente na escola, onde terá contato direto com outras pessoas. A escola passará a promover a educação para outros espaços sociais: o público.

Não se pode pensar na escola separada da família, uma complementa a outra na formação social da criança. É preciso que modifique a crença na impotência escolar perante a família, pois a escola tem grande influência na formação moral das crianças e jovens e da formação de um pensamento crítico mais consciente.

Pelo que aprendemos após décadas de pesquisa sobre o desenvolvimento moral, sabemos que é sobre a qualidade das interações sociais que devemos dirigir nossos olhares, e que estas interações evidentemente não ocorrem apenas no seio familiar (LA TAILLE, 2002, p. 118).

Pois se para aprender a viver em grupo, é necessário ter experiências em comum, e a escola se caracteriza como um local altamente propício para tais experiências. Independente de a família desempenhar seu papel ou não, a escola necessita educar seus alunos para a vivência em uma sociedade democrática e contemporânea. Goergen (2007, p. 40) reforça que “dizer que a responsabilidade é de todos não significa dizer que ela não é de ninguém. Ao contrário, significa que cada segmento social, cada instituição, cada indivíduo deve assumir responsabilidade moral em seu âmbito de atuação”.

Educação e escola têm uma relação estreita, apesar de esta não configurar uma relação de dependência, pois há uma distinção entre educação escolar e a educação que ocorre fora da escola. A palavra educar significa promover, assegurar o desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais e morais, mas de forma geral, tal tarefa tem sido responsabilidade dos pais. A divergência entre escola e família está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer o aprendizado de conhecimentos construídos socialmente. A segunda tem a tarefa de promover a socialização do sujeito em pleno desenvolvimento em meio à



sociedade. Desta forma podemos entender que família e escola têm sobre o indivíduo tarefas distintas na sua formação pessoal e social.

2.4 Formação pessoal e social: senso moral e pensamento crítico do indivíduo

A construção de valores morais e sociais nos indivíduos acontece de maneira lenta e gradativa. Os valores desempenham um papel predominante na vida em sociedade para qualquer pessoa.

A formação social e pessoal do sujeito implica na sua ligação, direta ou indireta, com família, escola e sociedade. Uma está interligada a outra de maneira a formar cidadãos éticos, com uma visão crítica do mundo que o cerca. Porém, a escola tem fundamental importância nesse processo formativo do aluno, já que este passa maior parte do tempo no ambiente escolar.

De acordo com Piaget (1932, p. 39) “a disciplina moral não serve somente à vida moral propriamente dita; sua ação tem um alcance maior. Ela desempenha um papel considerável na formação do caráter e da personalidade em geral”. A inclusão de uma educação moral em sala de aula proporciona ao discente uma vida mais acessível com a sociedade, vai além de uma vida moral propriamente dita, é uma vida pessoal e social que este sujeito estará formando de forma gradativa.

Entre o papel da escola, cabe apresentar ao aluno exercícios que implicam em dilemas, histórias, valores etc., ajudando na sua formação pessoal e social, a fim de estimular a construção de um pensamento crítico consciente e o senso moral diante das situações-problemas da sociedade em que atua.

O aluno é antes de tudo, um projeto de vida, nunca um mero receptor. E a escola precisa lhe oferecer uma metodologia educativa eficaz, que atenda cuidadosamente a atividade pessoal do aluno, deixando que ele estabeleça relações e deduza novos conhecimentos (IZQUIERDO, 2001, p. 260).

De um modo geral, o sujeito vai construindo sua personalidade crítica, ética e moral, na vivência em sociedade, na escola e na família, desde seu nascimento. Porém, nenhuma realidade moral é inata. Sua personalidade vai sendo modulada à medida que sua visão de mundo exterior vai se modificando. Sua formação pessoal e social dependerá de sua relação com o próximo e com ele mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além de ser fonte de prazer aos leitores a literatura tem função, também, social. As fábulas trazem essa função em sua moral. Diante disto, compreende-se que o uso das fábulas como estratégia metodológica de ensino, ajuda a formar cidadãos críticos, e que a formação de uma sociedade melhor e mais justa, decorre de um comprometimento conjunto entre família (o primeiro ambiente com o qual o indivíduo tem contato), professores (conscientes de seu papel como educadores e formadores de opinião), gestores (visando fornecer um ambiente aberto e de fácil acesso aos pais) bem como a própria comunidade, que pode e deve, em determinadas situações, contribuir com sugestões significativas.

Partindo deste pressuposto, pode-se comprovar a interligação existente entre as fábulas os valores morais e a formação do pensamento crítico desenvolvidos pelo sujeito leitor. Desta forma, este estudo torna-se relevante para a educação, considerando que traz conhecimentos acerca da importância da incorporação das fábulas no ensino, visando resgatar os valores esquecidos mas necessários para a sociedade contemporânea.

É interessante que o professor traga para sala de aula textos do cotidiano, faça leitura oral com os alunos e promova discussões sobre tais temas. É preciso também haver aceitação e reconhecimento por parte dos educandos, sobre a seriedade de aprender e repassar os princípios éticos aprendidos na escola. Assim, poderão refletir sobre os valores e sua importância na vida pessoal e social. Cabe destacar a participação da família e sociedade neste processo formador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após delimitar o tema a ser estudado, se deu início a busca por literaturas e trabalhos científicos que subsidiassem as discussões e reflexões sobre o assunto. A pesquisa qualitativa foi proposta como opção metodológica pela importância do tema e pelo anseio em se conhecer as diferentes contribuições dos atores envolvidos nesta temática. A pesquisa teve seus objetivos alcançados, apresentando dados coerentes com a hipótese estabelecida.

A partir da coleta e análise dos dados é compreendido que se faz necessário o desenvolvimento de novos estudos sobre esta temática, visando estimular o interesse pela busca contínua no resgate dos princípios morais e, conseqüentemente, éticos, que são a base para a formação da personalidade do homem. Incentivar o hábito da leitura é um meio



indispensável ao estímulo do senso crítico, o que faz da educação em valores um componente primordial para formar cidadãos comprometidos com uma sociedade íntegra.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil e bobices**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1991.

CARVALHO, B. V. **Compêndio de Literatura Infantil**. São Paulo. IBEP – Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 1971.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DEZOTTI, M. C. C. **A tradição das fábulas: de Esopo a La Fontaine**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

DURKHEIM, D. E. **Sociologia. Educação e Moral (1911)**. Tradução Raquel Weiss. 1ª ed. 2008.

FERNANDES, M. T. O. S. **Trabalhando com gêneros do discurso: narrar fabula**. São Paulo: FTD, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 4ª ed. São Paulo: Cortêz, 1996.

GOERGEN, P. **A educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades**. EDucação e Sociedade, v. 28, n. 100, p. 737-762, 2007.

IZQUIERDO, M. C. **Educar em valores**. Tradução Maria Luiza Garcia Prada. São Paulo: Paulinas, 2001.

LA TAILLE, Y. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.

MORENO, M. **Temas transversais em educação: bases para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 1998.

PARREIRAS, N. (2009). **Literatura e ética**. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/ltt/lttxt3.htm>>. Acesso em 25/06/2015.

PIAGET, J. et al. **Procedimentos da educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

_____. (1932). **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SERRA, E. D. A. (Org.). **Ética. Estética e afeto na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Global, 2001.